

A voz que canta precisa ser ouvida: impactos das práticas musicais de participantes do grupo de práticas vocais coletivas Baque do Pampa

Comunicação

Ana Verusca Lauer dos Santos
Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA
analauer.aluno@unipampa.edu.br

Lúcia Helena Pereira Teixeira
Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA
luciateixeira@unipampa.edu.br

Resumo: Esta comunicação apresenta os resultados parciais de pesquisa para o trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) sobre o tema aprendizagens musicais dos/das cantores/as no grupo de práticas vocais coletivas Baque do Pampa. O objetivo geral da pesquisa é compreender os impactos das práticas musicais do grupo de práticas vocais coletivas em seus/suas participantes. Como objetivos específicos, busca analisar quais aprendizagens musicais ocorrem no contexto do Baque, como ocorrem, bem como refletir sobre como as práticas pedagógico-musicais propostas pela equipe do Programa impactam o processo de aprendizagem. A metodologia está baseada na abordagem qualitativa. Na primeira fase, foram realizadas entrevistas individuais com o objetivo de se conhecer as vivências e formações musicais de cada cantor/cantora participante da pesquisa. A segunda fase ainda não foi realizada e contará com entrevista coletiva com os mesmos participantes da primeira fase. Os resultados parciais obtidos já revelam uma visão das aprendizagens dos cantores e de suas vivências músico-vocais dentro do grupo de práticas vocais coletivas Baque do Pampa.

Palavras-chave: práticas vocais coletivas, impactos de práticas musicais em cantores, aprendizagens musicais.

Introdução

Apresento resultados parciais de uma pesquisa em andamento realizada para o Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) com o grupo de práticas vocais coletivas Baque do Pampa. Meu interesse pelo tema do canto coletivo começou quando eu ouvi a frase: “Como sua voz é bonita... tu és soprano?” Logo, pensei: será que é comigo que estão falando? Enfim, hoje eu posso dizer que canto... Para entender a surpresa que eu tive ao ouvir essa frase, vou ter que

contar um pouco da minha história. Fui criada num ambiente em que tinha acesso à música de concerto e popular, pois meu pai é músico autodidata e sempre esteve envolvido com grupos musicais. Estudei piano “erudito”, mas cantar era um tabu, pois sempre me diziam: “tua voz é baixa, só dá pra fazer um *backing vocal*”. Então, cresci com esse paradigma, que, não me incomodava, já que eu nunca quis ser uma *prima dona*. Minha vida musical sempre foi o piano ou os teclados, nas bandas e grupos que participei. Quando entrei para o curso de Música – Licenciatura da UNIPAMPA, as coisas começaram a mudar. Tive o primeiro contato com as práticas vocais coletivas que, mesmo em tempo de pandemia e, de forma remota, me obrigaram a cantar! Sempre fui bastante autocrítica, achando que não cantava nada, mas... nesta história toda comecei a gostar do canto, mais especificamente do canto coletivo, e aí, com o retorno das aulas presenciais, surgiu a oportunidade de participar do Programa de extensão Baque do Pampa. Com certeza, isso foi um marco pra mim... a timidez foi sumindo aos poucos... Comecei, ainda, a participar do Coral Nossa Senhora Auxiliadora e iniciei aulas de técnica vocal individuais. Na igreja em que participo, descobriram que eu também cantava; então, além de tocar nas missas, comecei a cantar no grupo vocal... tudo isso em muito menos tempo do que imaginei até ouvir a derradeira frase (“você é soprano?”). Considerei isso não como uma classificação vocal, mas um elogio. O que me traz até aqui é que entendi que assim como eu, todos podem cantar e se beneficiar com as práticas vocais coletivas... mas a participação num grupo como o Baque do Pampa foi crucial para eu aceitar o fato de que, apesar de todos os tabus que eu tinha desde criança, também poderia me tornar uma cantora. Entender as perspectivas e experiências musicais dos cantores do grupo foi importante, pois se tornou também outra maneira de compreender o fazer musical e suas vivências, para além do ponto de vista do regente e de sua interação com o grupo.

A participação no Programa de Extensão Baque do Pampa¹ como cantora e parte da equipe executora, levou-me a refletir sobre o meu próprio fazer musical e minha

¹ O Programa de Extensão Baque do Pampa: Práticas vocais coletivas na UNIPAMPA tem como objetivo geral proporcionar um espaço para interações sociais e musicais entre os/as participantes, cumprindo função primordial de aproximação das comunidades externa e interna da universidade. Iniciou suas atividades no segundo semestre de 2015, após um curso de formação com docentes de escolas de educação básica do município de Bagé e desde então permanece em atividade, contando com os grupos infanto-juvenil, juvenil e adulto, com práticas musicais que ocorrem dentro da própria Universidade e em uma escola do município.

aprendizagem no grupo, e como isso ocorreu de forma diferenciada, pois já tinha formação musical como pianista.

A percepção das movências do/no grupo, no cotidiano de cada ensaio e nas interações dos/das cantores/as entre si e com a equipe executora trouxe a vontade de pesquisar como ocorrem as aprendizagens musicais, do ponto de vista e da perspectiva dos/das cantores/as. Fui também impulsionada a partir da revisão de literatura, quando foram escassos os estudos encontrados enfocando a visão de cantores/as. Assim, destaco as seguintes questões de pesquisa: Quais impactos têm as práticas musicais do Baque do Pampa em seus/suas participantes? Quais aprendizagens musicais ocorrem no contexto do grupo? Como elas ocorrem? Como as práticas pedagógico-musicais propostas pela equipe do Programa impactam o processo de aprendizagem musical?

Esta investigação se torna relevante para a área da Educação Musical/canto coletivo por focar o ponto de vista do cantor e da cantora sobre sua própria aprendizagem musical; tal estudo poderá trazer, também, um novo aspecto para um tema que vem sendo estudado, na maioria das vezes, somente pela visão de regentes e/ou professores/as.

O objetivo geral desta pesquisa é compreender os impactos das práticas musicais do Baque do Pampa em seus/suas participantes. Como objetivos específicos, busca analisar quais aprendizagens musicais ocorrem no contexto do Baque do Pampa, como ocorrem, bem como refletir sobre como as práticas pedagógico-musicais propostas pela equipe do Programa impactam o processo de aprendizagem musical.

Uma revisão dos estudos da área com foco em quem canta

Foi realizada a revisão da literatura de artigos das revistas, anais de congressos e periódicos científicos da área (ABEM/ANPPOM) de 2010 a 2022, e nos sites de pesquisa acadêmica *Google Scholar* e *Scielo*, com as palavras-chave: práticas vocais coletivas, canto coral, educação musical, aprendizagem, a fim de conhecer o que existe de publicações específicas sobre o assunto. Defini este período com base nas primeiras publicações que encontrei na revisão, que iniciam a partir de 2010.



Dentro das muitas pesquisas, artigos e trabalhos científicos existentes na área de canto coral, foram encontrados autores que já abordaram a opinião de cantores/as ou coralistas em suas pesquisas, como apresentarei a seguir.

Ramos e Freitas (2021), realizaram um estudo de caso sobre o ambiente acústico e conforto vocal, pela perspectiva dos coralistas, focando aspectos mais ligados a questões ambientais e técnicas do canto coral. Já Oliveira (2016), em seu Trabalho de Conclusão de Curso, tratou das reverberações socioculturais no canto coral. Também a dissertação de mestrado de Mancilha (2022) aborda sobre ressonâncias afetivas e interações que ocorrem nas práticas coletivas de canto, como descreve a própria autora, e a aprendizagem musical que ocorre em ambientes ditos “não formais”. Por último, trago Dias (2011), que, em sua tese, apresenta dois estudos de caso nos quais pesquisou as dinâmicas e interações nas aprendizagens musicais entre os cantores dos grupos participantes da pesquisa.

Estes trabalhos se relacionam com o tema desta pesquisa, pois privilegiam um olhar sobre a perspectiva do cantor, principalmente a tese de Dias (2011), que realiza pesquisa de campo junto a dois coros. Autores/as da área de canto coral, em consonância com o tema desta pesquisa, o tem tomado a partir de novas perspectivas:

Alguns autores das áreas de regência e de educação musical têm expandido seus olhares para uma prática coral que não esteja só voltada para o desenvolvimento musical e vocal individual, mas, sobretudo para o desenvolvimento social e humano presentes nas dinâmicas de coro (SOUZA et al., 2009, p. 989).

Muitos temas destacados nas pesquisas sobre canto coral tais como afinação, aquecimento vocal e outros aspectos técnicos são de grande importância, mas a dimensão social do fazer musical, presente nos grupos de práticas vocais coletivas também deve ser privilegiada.

Por isso, conforme a autora Dias (2011), os regentes de coros estão se conscientizando de que devem primar por algo mais do que a estética da *performance* dos cantores, pois, “precisam estar atentos às expectativas trazidas por estas pessoas, de modo mais consciente em relação às razões atribuídas pela procura do coro” (DIAS, 2011, p. 13).

A pesquisa da autora Dias (2011), através das entrevistas realizadas, embora tenha ouvido também regentes, preparadores vocais entre outros profissionais, discute

especialmente a visão de cantores/as sobre aspectos de sua convivência nos coros pesquisados, suas aprendizagens e motivações. Aponta a prática coral como um fenômeno social que contribui na aprendizagem musical e social dos/das participantes:

[...] as práticas pedagógico-musicais também se constituem em práticas sociais e [...] os exercícios de interação aplicados no processo de ensino e aprendizagem musical coletiva alcançam desdobramentos em outros setores da vida das pessoas envolvidas (DIAS, 2011, p. 198).

A compreensão das relações que são construídas nos ensaios entre os cantores e membros da equipe executora do Programa Baque do Pampa é importante, pois traz também o impacto da convivência dos/das participantes, suas vivências e aprendizagens, musicais, conforme Chagas (2018):

[...] a aula de música é um fenômeno muito mais complexo por não se apoiarem apenas nos conteúdos transmitidos, mas, muito mais que isso, nas relações que são construídas, nas novas sociabilidades, nas trocas de saberes (CHAGAS, 2018, p. 40).

Neste âmbito, a afirmação do autor vem ao encontro deste trabalho que *é*-tem por objetivo geral compreender os impactos das práticas musicais do Baque em seus/suas participantes, sob a perspectiva de quem canta, dentro do contexto do grupo em que convive.

Referencial teórico-metodológico

No desenvolvimento desta pesquisa, com o grupo de práticas vocais coletivas Baque do Pampa, considerou-se que a abordagem qualitativa seria a mais adequada por abordar “uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito” (CHIZZOTTI, 1991, p. 78).

Neste caso, está sendo utilizada, como técnica de produção de dados, a entrevista qualitativa. Esta segue um roteiro, porém não um roteiro rígido somente com perguntas estruturadas, mas permitindo a troca de informações de uma maneira mais espontânea com os/as entrevistados/as. Conforme Yin, (2016, p. 119-120) as perguntas mais importantes da entrevista são as questões abertas e “o pesquisador costuma fazer com que os participantes

usem suas próprias palavras, não aquelas pré-definidas pelo próprio pesquisador, para discutir os temas”.

Com relação a esse instrumento de produção de dados, o pesquisador deve ter em mente que cada questão precisa estar relacionada aos objetivos de seu estudo. “As questões devem ser enunciadas de forma clara e objetiva, sem induzir e confundir, tentando abranger diferentes pontos de vista” (GOLDENBERG, 2004, p. 86).

A produção de dados está sendo realizada em duas etapas. Na primeira fase, foram realizadas entrevistas individuais com o objetivo de se conhecer as vivências e formações musicais de cada cantor/cantora participante da pesquisa. Nesta etapa, foram realizadas entrevistas individuais com oito cantores/as convidados/as do Baque do Pampa. O critério utilizado para a escolha foi o de participação no grupo há mais tempo. Dos oito entrevistados, sete são mulheres e um homem. Foi empregado um roteiro de perguntas elaborado a partir das questões de pesquisa, deixando as últimas três perguntas para a fase seguinte. As entrevistas individuais foram realizadas em salas do campus Bagé, e gravadas em áudio. Logo depois, realizou-se a transcrição das mesmas, a análise, categorização, e uma primeira interpretação dos dados. As perguntas da entrevista foram: Você já cantava antes de entrar para o Baque do Pampa? Conte-nos sobre sua experiência. Conte-nos sobre como você ingressou no grupo; O que significa cantar no Baque do Pampa pra você? O que você mais gosta nos ensaios? Como a participação no grupo impactou no seu cantar?

Na segunda etapa, será realizada uma entrevista coletiva com todos os participantes da fase anterior, guiada, inicialmente, por apenas três perguntas, para que haja uma interação dos participantes com o tema proposto, dentro do tempo estipulado para a entrevista de, no máximo, uma hora. Esta será gravada em vídeo, e depois transcrita. Nesta fase, também será realizado um diário de campo, a fim de que a pesquisadora possa registrar suas reflexões, ajudando a refinar dados que sejam de importância para a pesquisa. Espera-se que os dados obtidos na primeira e segunda etapas se cruzem e se complementem.

Resultados parciais

Algumas categorias emergiram das respostas individuais: formação musical dos/das participantes, sentidos imputados pelos/as cantores/as com a participação no grupo e aprendizagens musicais. Essas categorias ajudarão na próxima etapa da pesquisa como conhecimento da formação musical de cada entrevistado/a e das aprendizagens relatadas. A partir dessas categorias, será possível conduzir a próxima etapa de entrevista coletiva por meio da elaboração de questões que possam ajudar os/as cantores/as a revelar seu processo de aprendizagem. A seguir, apresento os dados organizados por categorias.

Formação dos/as cantores/as

Para a maioria dos/as entrevistados/as, a formação musical foi iniciada na escola, no ensino fundamental, onde tiveram noções de canto coral. Sete dos oito entrevistados tiveram contato com o canto ou a música em família também.

A maioria (cinco) dos/as colaboradores/as são professoras de Arte na ativa ou professoras aposentadas. Há também duas cantoras que não exercem profissão remunerada e um policial aposentado. Com exceção de uma entrevistada apenas, todos tiveram experiência pregressa em canto coral, ou na escola, ou em grupos religiosos.

Sentidos imputados pelos/as entrevistados/as a partir de sua participação no grupo de práticas vocais coletivas Baque do Pampa

Esta categoria foi elencada a partir dos dados levantados com referência à sua aproximação ao Baque do Pampa, como ocorreu essa aproximação, por qual motivo os cantores decidiram entrar para o grupo e início da participação nas atividades, dentre outros motivos que emergiram das respostas obtidas, tais como desejo de cantar, desejo de realizar o sonho de infância, ou sonho de familiares que queriam muito cantar e não tiveram esta oportunidade.

A autora Dias (2011, p. 76-83) aborda, em sua tese, as razões que levaram os cantores a participar dos grupos de práticas vocais coletivas, que são: “razões estéticas, razões de ordem social contemplando a história familiar e religiosa e, finalmente, as razões

terapêuticas”. Destacaram-se na pesquisa, nesta primeira fase, principalmente as razões de ordem social e terapêuticas, como veremos na continuidade do texto.

Neste contexto, foram identificadas as relações/interações que os/as cantores/as construíram desde sua entrada no grupo e em sua convivência diária nos ensaios. O acolhimento do grupo é uma das características ressaltadas por uma cantora: “Me sinto muito bem aqui, as professoras são muito acolhedoras, o pessoal é muito acolhedor. Eu me sinto em casa”. Este clima de acolhimento é uma característica do grupo, marcado pela cordialidade e reciprocidade, além da realização de dinâmicas de acolhida em cada um dos ensaios.

Outro sentido salientado foi o de pertencimento, isto é, a idéia de pertencer, de se sentir parte integrante e importante, relatada por uma das entrevistadas: “é um sentido de participação, de pertencimento, de idéias em comum, isso é uma coisa que me fortalece e que fortalece todos os que estão ali”. Sobre o pertencimento ao grupo, Dias (2014), afirma:

A constituição do grupo, ao longo do tempo, desenvolve entre os seus membros o sentimento de pertença, uma das condições básicas para que cada indivíduo, em particular, se sinta parte do grupo, e que este, em seu conjunto, se reconheça como tal (DIAS, 2014, p. 134).

E além de cantar, existe o momento de convivência dos participantes: “[...] e o contato com as pessoas, conhecer gente, dar risada, porque é descontraído. É tudo”. Nesse sentido, Dias (2014, p. 133) refere que na categoria aprendizagens dos cantores/as, foram destacadas “[...] coristas procuram a prática coral também para atender às suas necessidades pessoais, terapêuticas e sociais”.

Também o canto com um sentido “terapêutico” emergiu nas entrevistas: a maioria dos/das participantes relatou que canta para se sentir bem, para “desopilar”. “Cantar no Baque é uma terapia”; “Então, é especial nesse sentido, no sentido terapêutico, de me sentir melhor depois de cantar [...]”. E também buscaram a participação no grupo pelo prazer de cantar.

Aprendizagens no Baque do Pampa

A preparação da voz para cantar, com alongamento do corpo, exercícios faciais, exercícios de respiração, aquecimento da voz e vocalizes. Os cantores relatam, de forma



geral, que a preparação para o canto lhes deu mais fôlego para cantar e também para falar: “Olha, começa a partir da questão dos alongamentos, dos vocalizes; isso aí, a gente aprende a respirar, a ter mais fluidez na fala, na capacidade de compreender a respiração e a emissão do som, então, muda muito [...]”.

Os/as entrevistados/as enfatizaram a experiência com o lúdico nas práticas vocais coletivas, com dinâmicas de entrosamento e participação. O canto com utilização do movimento, da expressão corporal e da dança, torna-se um diferencial em relação aos corais tradicionais, no depoimento de um cantor que já havia cantado em coro anteriormente: “era tudo em fileira, paradinho”.

A metodologia de trabalho como facilitadora da aprendizagem do repertório foi destacada: “Começar a cantar já cantando”. Nesse sentido, todos os/as cantores/as são estimulados/as à aprendizagem dos arranjos musicais a partir de suas vivências musicais anteriores, com a voz e a maneira de cantar que trazem, buscando-se estabelecer com cada um/a uma relação de confiança que parece favorecer a aprendizagem: “nos outros corais que eu estive não tinha essa facilidade que rapidinho o pessoal está cantando. Então eu digo assim, é diferente por isso. Porque quem não canta, chega aqui e... canta!”.

A aprendizagem músico-vocal também impulsiona a aquisição de mais conhecimentos na área da música, como relatado pela cantora: “[...] Onde estão falando em música, compositores, sabe que me chama atenção, eu já quero escutar, já quero ver como é que é [...]”.

Considerações finais

Esta pesquisa tem por objetivo geral compreender os impactos das práticas musicais do Baque do Pampa em seus/suas participantes. Como objetivos específicos, busca analisar quais aprendizagens musicais ocorrem no contexto do grupo, como ocorrem, bem como refletir sobre como as práticas pedagógico-musicais propostas pela equipe do Programa impactam o processo de aprendizagem.

A partir desse primeiro contato com os/as entrevistados/as, se tem uma visão preliminar dos resultados. Os sentidos imputados pelos/as cantores/as, ao se aproximarem das práticas vocais coletivas, são diversos: prazer de cantar, o canto coletivo como algo

“terapêutico”, realizar o sonho de cantar em um coral, entre outros. Também consideram que o ambiente, o acolhimento, pertencimento ao grupo, as interações sociais são muito importantes para sua convivência e, conseqüentemente, para sua aprendizagem musical no grupo. Os momentos de convívio nos ensaios, nas apresentações, nas reuniões de confraternização citadas nas entrevistas também fortalecem o grupo e a prática músico-vocal dos participantes.

As aprendizagens ocorridas no âmbito do grupo Baque do Pampa são relacionadas à preparação para o canto, aquecimento corporal e vocal, expressão corporal e movimento, melhoria da dicção e respiração para fala e canto, com exercícios específicos para respiração e vocalizes. Além disso, relatam que o grupo tem muitos diferenciais em relação a outros grupos de canto coletivo. Conforme o que consta no texto na redação do projeto, o Baque do Pampa tem por objetivo ir além das questões técnico-vocais, buscando “proporcionar um espaço para interações sociais e musicais entre os/as participantes, cumprindo função primordial de aproximação das comunidades externa e interna”. Os diferenciais destacados nas entrevistas desta primeira fase da pesquisa aparecem principalmente com relação ao cuidado com a preparação e aquecimento vocal antes de cantar, o que, de acordo com o depoimento de cantores, inexistente em muitos grupos de canto coral da região. Foi pontuada a maneira como se ensina e se aprende música no grupo, sua metodologia de ensaios, o que alguns/algumas entrevistados/as relataram em seus depoimentos possibilitar a qualquer pessoa “cantar”, mesmo sem nunca ter participado de qualquer grupo de práticas vocais coletivas anteriormente.

Como membro da equipe executora do Programa, também posso destacar, de acordo com a metodologia de ensaio, as atividades lúdicas, jogos musicais, dinâmicas e exercícios de expressão corporal. Essas atividades são realizadas, antes do ensaio, como preparação, e servem como dinâmicas de integração e fortalecimento do grupo.

Nos ensaios, a partir de 2022, a metodologia de trabalho empregada tem privilegiado o uso das letras das músicas e da aprendizagem por imitação aural, apenas, sem a utilização de partituras, visando à promoção do desenvolvimento da memória musical, bem como valorizando formas de aprendizagem próprias de outras culturas, em que ocorrem por meio da oralidade. Através de um grupo no *WhatsApp*, todos os cantores

e cantoras podem acessar as letras das músicas e, eventualmente, as gravações que são disponibilizadas, com fins pedagógicos, pela equipe executora.

Até o presente momento possuímos uma visão geral do campo pesquisado, porém será necessário o cruzamento de dados com a última fase de entrevista a ser realizada. As aprendizagens dos/as cantores/as, bem como outras questões ligadas ao fazer musical despontaram como parte integrante e essencial das interações sociais construídas no dia-a-dia dos ensaios do grupo de práticas vocais coletivas Baque do Pampa.



Referências

CHAGAS NETO, Antônio. *Interações sociais construídas no ensino particular de violino e Flauta Doce: Estudos de Caso sobre relações de ensino e Aprendizagem com crianças de dois e três anos*. 2018. Tese (Doutorado em Música) – Escola de Música da Universidade Federal da Bahia, Salvador.

CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 2. ed. São Paulo: Editora Cortez, 1991.

DIAS, Leila Miralva Martins. *Interações nos processos pedagógico-musicais da prática coral: dois estudos de caso*. 2011. Tese (Doutorado em Música) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Música, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/29233>>. Acesso em: 8 dez. 2022.

DIAS, Leila Miralva Martins. Interações pedagógico-musicais da prática coral. *Revista da ABEM*, Londrina, n. 20, abr. 2014. Disponível em: <<http://abemeduacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/166/101>>. Acesso em: 5 Jan. 2023

GOLDENBERG, Miriam. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MANCILHA, Mariana Silva. *Dimensões educacionais nas práticas coletivas de canto coral: espaço de formação humana e de ressonâncias afetivas*. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Alfenas-UNIFAL-MG, Alfenas, MG, 2022. Disponível em: <https://bdtd.unifal-mg.edu.br:8443/handle/tede/2093>>. Acesso em: 8 dez. 2022.

OLIVEIRA, André Rodrigues Costa de. *O canto coral e suas influências socioculturais*. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) - Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/155626/000886634.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 10 nov. 2022.

RAMOS, Marco Antonio da Silva; FREITAS, Luisa Campelo de. *Ambiente acústico e conforto vocal pela perspectiva dos coralistas: um estudo de caso*. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 25. Online. *Anais...* ABEM, 2021.

SOUZA, Jusamara; SCHMELING, Agnes; DIAS, Leila; TEIXEIRA, Lúcia. Para além da afinação: compreendendo as experiências do canto a partir de investigações em canto individual e coletivo. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 18., Londrina. *Anais...* Londrina: ABEM, 2009. p. 985-992.



YIN, Robert K. *Pesquisa qualitativa do início ao fim*. Porto Alegre: Penso, 2016.

